

“A mulher encantada” e os segredos: narrativas e iteração

Pâmela Paula Souza Neri¹

Alessandra F. Conde da Silva²

RESUMO: O presente artigo analisa os lugares comuns da estrutura em narrativas de mulheres fantásticas medievais e amazônicas, à luz de Vladimir Propp. Os textos trabalhados serão os medievais *A dama do pé de Cabra* e *a História de Melusina*; assim como a narrativa amazônica *A mulher encantada*, coletada pelo projeto IFNOPAP. Para alçar os objetivos da proposta usaremos como embasamento teórico além do autor já citado George Duby e Mikhail Bakhtin.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher; segredo; representação; funções; Vladimir Propp.

Introdução

Segredo, mulher e encantamento. Palavras significativas que podem representar a mentalidade misógina medievaisão de certa forma, palavras iterativas no tempo. Se esses lugares-comuns no Medievo mostram as etiquetas depreciativas sobre a condição feminina, por outro lado, permitem que vejamos a força da estrutura que perdura. Nas narrativas, essas estruturas podem ser mais bem marcadas, principalmente se tomarmos as funções proppnianas como parâmetro. Poderemos ver essas iterações estruturais na narrativa amazônica bragantina *A mulher encantada* coletada pelo projeto IFNOPAP, cujos lugares-comuns segredo e encantamento em relação à figura feminina são bastante acentuados. Utilizaremos, para exemplificar a iteratividade de temas e estruturas, certas narrativas medievais, como as histórias da Melusina, assim como *A dama do pé de Cabra* pertencente ao Livro de Linhagens.

No que diz respeito à história da Melusina, são inúmeras as versões; todas na sua maioria apresentando registros iterativos. A versão mais conhecida é a de Jean d'Arras³1382-1394, compilada numa coletânea intitulada *Histórias inventadas*. A versão

¹Graduanda do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, campus Universitário de Bragança. pamelalettras@yahoo.com.br

² Mestre em Estudos Literários, professora da Universidade Federal do Pará Campus Bragança. afcs77@hotmail.com

³ Ou João Arras.

apresenta a origem⁴ da personagem Melusina. Como na história de sua mãe, seu marido a encontra do mesmo modo em uma floresta. Enamorado, casa-se com ela, tendo somente que cumprir a lei de não vê-la aos sábados.

Desobedecido o acordo, o marido presencia a mãe de seus filhos transformar-se em serpente, forma dada pela mãe como maldição por uma falta da fada para com seu Pai, o rei Elinas (D'ARRAS, 1999, p 13)

Todos os sábados serás serpente do umbigo para baixo. Mas se encontrares um homem que queira tomar-te por esposa e que prometa nunca te ver aos sábados, se nunca te descobrir ou não disser a ninguém, seguirás o curso normal da vida, como uma mulher normal, e morrerás normalmente. De qualquer modo, de Ti nascerá nobre e importante linhagem que realizará grandes proezas. E se vossa união for rompida, fica sabendo que voltarás em que te encontravas antes, para todo o sempre, até o dia em que o Soberano Juiz tomar assento.

Resta, então, à Melusina, abandonar o lar e retornar somente à noite para resguardar o sono de suas crianças. Em algumas outras versões a personagem transforma-se em metade dragão (LE GOFF, 2009, p. 185-186).

Sobre essa figura, Jacques Le Goff(2009, p. 185) afirma que seu surgimento ocorreu na literatura latina da Idade Média do Século XII. Nos dois séculos seguintes, é a ela atribuído preferencialmente o nome de Melusina. O conhecimento do mito da mulher serpente é tão intenso que as narrativas genealógicas dos Lusignan⁵ colocam-na como antecedente. Melusina, assim como todas as do seu grupo, segundo o imaginário medieval que compõe alguns textos da alta Idade Média é descendente direta das Parcas⁶ da Antiguidade.

A narrativa seguinte é proveniente do *Livro de Linhagem*, do Conde Pedro de Barcellos, filho bastardo de D. Dinis. *A dama do pé de cabra* narra a experiência de Diego

⁴ A origem da Melusina é contada, a partir do casamento de seus pais, o Rei de Albany com Presina, a bela dama da floresta. Intensamente bela, o monarca assentiu com as imposições feitas pela noiva: não ser vista dando à luz ou banhando as três filhas. Com a quebra do acordo, Presina abandona o reino, levando consigo as três filhas. Segue para a famosa ilha de Avalon e lá cria Melusina, Melhor e Palatina. Aprimeira, ao indagar sobre a separação da família, descobre que seu pai transgrediu o acordo e castiga-o trancafiando-o, com suas riquezas, em uma montanha. (D'ARRAS, 1999, p. 13).

⁵ A família Lusignan é uma dinastia nobre de Poitou, na França, descendente direta de Limousin, assim como de condes e reis de Jerusalém, de Chipre e da Arménia. Segundo a lenda, descendem da fada Melusina e de seu marido Raymondin (LE GOFF, 2009, p. 185-192).

⁶As parcas eram fadas responsáveis pela sorte, chamadas de Nona, Décima e Morte para os gregos e Cloto, Láquesis e Átropos para os romanos. Eram responsáveis pelo destino, assim como o fio da vida, decidiam a vida e a morte, de modo que, nem o próprio Zeus poderia revogar suas decisões (PUGLIESI, 2003, 48). Melusina possui em semelhança com suas ascendentes clássicas (LE GOFF, 2009, p. 184), o fato de possuir a capacidade de conhecer o passado e prever o futuro (D'ARRAS, 1999, p. 5).

Lopez com uma dessas mulheres misteriosas. O fidalgo em um dia de caça, na floresta, encontra uma mulher bela e de aparente boa linhagem (exceto por seu defeito físico, haja vista que tinha um pé semelhante ao de uma cabra). Há, todavia, uma condição: ele não deve benzer-se jamais (o que caracteriza seu caráter demoníaco). Com ela, o nobre teve dois filhos, um casal. Em certo dia, algo inexplicável ocorreu. Durante o jantar, ao lançar um osso ao chão, dois cachorros se puseram a brigar. A disputa foi vencida pelo menor. Lopez ao presenciar a cena, tomou-a como milagre, santificou-se transpondo a lei imposta pela mulher que, ao ver a falta, tomou pelas mãos os filhos. Todavia, o homem agarrou seu filho, deixando-a livre apenas para levar a filha, saindo pelos ares, rumo a uma montanha para nunca mais voltar.

Jacques Le Goff (1999, p. 10) no prefácio de Jean D'Arras ressalta que tanto a Melusina, quanto as damas do livro de linhagens, estão na “confluência do folclore com a literatura culta, numa história em que as fadas não eram apenas conquistas de cavaleiros andantes, mas também reféns de políticas linhagistas e dinásticas”.

Um ponto interessante é que as narrativas que envolvem fadas ou mulheres encantadas de modo geral, na Idade Média, possuem um caráter importantíssimo no que envolve a formação do povo Europeu, uma vez que essas mulheres são símbolos da prosperidade e do progresso (LE GOFF, 2009 p. 184-185).

Ainda acrescenta o medievalista que as fadas, com atenção maior para a Melusina, fomentaram a justificativa da mulher Eva na Idade Média. Para o autor (LE GOFF, 2009, p. 185),

essas fadas pouco a pouco foram integradas ao imaginário cristão, que, aliás, as dividiu, em boas e más. [...] As mesmas mulheres são tanto os heróis do bem e do mal quanto personagem de histórias maravilhosamente belas e maravilhosamente horríveis ao mesmo tempo. Nenhuma heroína ilustra melhor do que Melusina a crença de que nenhum ser humano é inteiramente bom ou mau.

Mães e esposas de grandes homens da Europa medieval, as Melusinas, visto que há muitas delas, carregam tanto o fardo simbólico de santas, quanto o de demônios. Se por um lado, a Melusina traz progresso e prosperidade, necessários ao reino e à família, por outro, o caráter de segredo e a metamorfose, e conseqüente instabilidade, aproximam-na do demônio. Sabe-se que a Idade Média assim pensava as mulheres. Melusina é a representante maior. Logo, a ideia de encantamento está também sobre essa mulher.

Segredo, encantamento e prosperidade são os registros singulares que acompanham esta personagem medieval, constituindo, então, lugares-comuns nas narrativas medievais. Há ainda outros que serão apontados neste trabalho, mas, por hora, interessa-nos outro registro: o local de encontro entre o homem e a mulher. Há decerto um *locus amoenus*. A mulher nesse tipo de texto sempre é achada na floresta, próxima às águas. É nesse cenário, para nossa região tão pitoresco, que encontramos uma figura que se destaca, bem aos moldes da Melusina medieval. Trata-se da mulher do Ataíde⁷, presente na narrativa oral bragantina *A mulher encantada*, coletada pelo projeto IFNOPAP, intitulado *Um portal para Bragança*. Na coletânea, organizada pela professora Socorro Simões, narrativas orais bragantinas são apresentadas. Este trabalho então pretende, além de tornar mais conhecido o conto em questão, ver os registros iterativos presentes na narrativa e que se aproximam dos textos melusinianos. Como já nos referimos acima, seguiremos nessa empreitada, quando necessário, a morfologia proppiniana.

“A mulher encantada”: iteração e intertextualidade

O lugar-comum é uma forma de repetir um discurso assente na tradição (LAUSBERG, 1993, p. 82). Discursos e ações iterativas podem ser vistas em muitas personagens de contos maravilhosos⁸. Vladimir Propp (2001) em *A morfologia do Conto Maravilhoso* notou sobre os contos folclóricos que havia semelhanças entre contos de culturas diferentes e de regiões geográficas distintas. A par disso, procurou tracejar uma estrutura peculiar a todos eles. A sua preocupação não foi mapear as origens ou pontos de contato, mas instituiu que “o estudo da estrutura de todos os aspectos do conto maravilhoso é a condição prévia absolutamente indispensável para seu estudo histórico. O estudo das leis formais pressupõe o estudo das leis históricas” (PROPP, 2001, p.22). Para efeito didático, devemos entender que Propp marcou certos elementos como variáveis, outros como invariáveis. Ele (PROPP, 2001, p. 16) os chama de “grandezas constantes e grandezas variáveis”. As primeiras definem-se pelo caráter iterativo, ligado diretamente às funções das personagens, como receber um objeto mágico, ou dirigir-se a

⁷Ataíde é uma figura mitológica bragantina, protetora dos manguês. Possui membros superiores enormes e o órgão sexual atípico. Ele assusta quem trabalha no mangue, assim como quem desrespeita o meio ambiente.

⁸Sobre o maravilhoso, entendamos tratar-se do legado cultural dos povos, assente no sobrenatural, nos *mirabilia*, tão cultivados nos textos medievais e em contos folclóricos (LE GOFF, 1994, p. 47).

outro reino mediante o “uso” do objeto mágico recebido. Aliás, o estruturalista russo apresenta quatro exemplos para mostrar a grandeza constante. Explicitaremos o primeiro: “O rei dá uma águia ao destemido. A águia o leva para outro reino” (PROPP, 2001, p. 16). Os demais exemplos seguem a mesma linha: recebimento de um objeto e mudança geográfica mediante o uso do objeto, como já detalhamos. Nos exemplos posteriores, ocorrem mudanças não quanto às funções, mas o nome dos objetos, ou das personagens, ou quem dá o objeto mudam. No exemplo número dois, é um velho quem dá a Sutchenko um cavalo que o conduzirá a outro reino (PROPP, 2001, p. 16). Neste caso, já estamos a falar das grandezas variáveis.

É sobre as grandezas constantes que Propp debruçar-se-á, tendo as funções das personagens como parâmetro, pois as funções e ações das personagens não mudam, mas seus nomes e atributos sim. Em resumo, diz-nos o russo (PROPP, 2001, p. 16-17)

(...) Pode-se estabelecer que os personagens do conto maravilhoso, por mais diferentes que sejam, realizam frequentemente as mesmas ações. O meio em si, pelo qual se realiza uma função, pode variar: trata-se de uma grandeza variável. (...) O que realmente importa é saber *o que fazem os personagens*”.
 (...) Antecipando, podemos dizer que existem bem poucas funções, enquanto que os personagens são numerosíssimos. Isto explica o duplo aspecto do conto maravilhoso: de um lado, sua extraordinária diversidade, seu caráter variegado; de outro, sua uniformidade, não menos extraordinária, e sua repetibilidade.

São a algumas dessas funções⁹ que nos arvoraremos neste trabalho. De um total limitado de 31, tomaremos as seqüências que se repetem na história da Melusina, n^o *A dama do pé de cabra* e na narrativa oral d^a *mulher encantada*.

Conhecida as histórias das duas primeiras, vamos à narrativa oral bragantina.

Diz o conto que dois amigos, moradores da Vila de Itaboraí, resolveram criar uma sociedade de pesca e viajaram para encontrar um bom local para os seus currais. Todavia, um deles, batizado como Benedito, em certo dia, manifestou o desejo de companhia feminina:

E por três vezes ele manifestou esse desejo. O Outro compadre sempre o repreendia. Até que uma tarde, quando ele estava só, apareceu uma mulher negra, bem forte e bonita, dizendo que ficaria com ele até o tempo que o seu marido retornasse de uma viagem (A MULHER ENCANTADA).

⁹Para Propp (2001, p. 17), “os elementos constantes, permanentes, do conto maravilhoso são as funções das personagens, independentemente da maneira pela qual eles as executam. Essas funções formam as partes constituintes básicas do conto”.

Logo após esse encontro, o homem desfez o acordo com o seu amigo, passando a viver sozinho com a mulher desconhecida. O que sugere o maravilhoso na narrativa é que, após a chegada de sua tão desejada companheira, a prosperidade se alojou em seus currais, despertando a curiosidade e a inveja dos companheiros de profissão. Depois de uma investigação inútil, arrancam a verdade de uma maneira pouco articulada: embebedam-no. É a partir daí, que Benedito, assim como os outros homens das narrativas medievais quebra o segredo matrimonial. Eis o trecho da transgressão

Certa vez quando ele estava de passagem pela Vila Emboraí, os companheiros lhe deram muita cachaça, e ele logo se embriagou. Como estava de porre, contou a todos que morava com uma mulher encantada e era ela que fazia aparecer muitos peixes em seu curral. Disse também que se ela descobrisse que ele contava a alguém ele morreria, afinal esse foi o trato que fizeram. Quando retornou ao rancho, num dia bonito de sol, a mulher o esperava. Esse homem apanhou tanto que chegou a morrer. E o povo da Vila de Itaboraí acredita até hoje que ele foi vítima da mulher do Ataíde (A MULHER ENCANTADA).

Como nas histórias da Melusina, há um segredo. Sabemos disso quando a sanção é aplicada: “Esse homem apanhou tanto que chegou a morrer” (A MULHER ENCANTADA). Aliás, esta ação da esposa do Ataíde já é uma burla às funções tradicionais melusinianas. Na verdade, deveríamos dizer que há uma sequência narrativa que foi inserida na narrativa oral. É uma forma de enxerto narrativo, de expansão (BARTHES, 2009, p. 34). Nas histórias da Melusina, ela vai embora, o que também acontece com a mulher encantada. No entanto, antes de ir, ela pune o amante, e não mais marido, com a morte. Melusina abandona marido e filhos. (Notemos, como ocorre a Propp, que as funções são grandezas constantes. O estado civil, então, pode ser alterado. Neste caso, trata-se das grandezas variáveis). A dama do pé de cabra precisa deixar o filho e marido, após ruptura com o acordo nupcial. Tudo isso ocorre, porque há a quebra do segredo. A morte ou abandono do lar é a consequência da transgressão. No entanto, este é o desfecho, precisamos entender, antes, o que conduziu as mulheres a abandonar o lar. Chegamos então às funções de Propp estudadas por nós: afastamento, carência, segredo, quebra do segredo (transgressão), consequência da transgressão. Já conhecedores das histórias, vamos ao quadro que expressará essas funções em relação às três narrativas:

Funções de Propp	“A mulher encantada”	História da Melusina	“A dama do Pé de cabra”
Afastamento	Ocorre quando Benedito e seu amigo vão procurar um lugar adequado para o seu curral.	Quando vai caçar na floresta.	Assim como na história de Melusina, Dom Diego encontra sua mulher misteriosa quando vai caçar.
Carência	Uma esposa	Uma esposa (não implícita visto que inebriado por sua beleza casa-se imediatamente).	Uma esposa (não implícita, visto que inebriado por sua beleza casa-se imediatamente).
Segredo (designação)	Não podia contar a ninguém que ela era encantada.	O marido não podia vê-la durante os sábados.	Que ele nunca se santificasse (benzer-se).
Quebra do segredo (transgressão).	Em uma visita a Vila de Itaboraí, Benedito é embriagado pelos companheiros de trabalho e acaba por revelar que o segredo de felicidade é sua união com uma mulher encantada.	Todavia, ele a vê enquanto banhava-se.	Enquanto comiam, alguém não identificado lança sobre a mesa um osso, que imediatamente é disputado por dois cachorros de Gênero distinto. A cachorra morde o macho pelo pescoço. Ao ver o ocorrido Dom Diego se benze (expressão de um presságio).
Consequência da transgressão	Quando retorna ao rancho, apanha de sua mulher até morrer.	Melusina transforma-se em serpente (algumas versões em dragão ou um grande pássaro) e vai embora, voltando apenas para ninar os filhos e assombrar quem está em casa.	Ocorre com a fuga de sua mulher, que ao tentar agarrar os dois filhos, é impedida de levar o menino, conseguindo levar a filha para uma montanha e com ela desaparecendo para sempre.

As funções aqui apresentadas são comuns a todos os contos. Além dessas funções há outros lugares-comuns que merecem destaque. Em primeiro lugar temos o motivo da prosperidade e do progresso.

As histórias da Melusina e d’*AMulher encantada*, embora ganhem um caráter negativo do desfecho, trazem consigo prosperidade aos seus maridos. A mulher

encantada só com a sua presença, enche o curral do seu marido. Melusina, por sua vez, é responsável para muitos pela prosperidade de um continente inteiro, o europeu, como afirma Le Goff (2009, p. 187-191). A fuga de Melusina leva o reino ao ostracismo e à pobreza. O caráter não cristão se faz presente com maior intensidade em *A Dama do pé de Cabra*, pois a mulher possui um dos pés semelhantes ao de uma cabra, feminino do bode, que é símbolo em muitas culturas do demônio¹⁰; na narrativa, sua proibição consiste em o marido não possuir a permissão de benzer-se, direito máximo de proteção do católico.

Mas, sem dúvida, a floresta é responsável pelo lugar-comum inerente às três narrativas, haja vista que a floresta é o lugar de encontro dos homens com as mulheres misteriosas que por lá habitam. Eis então o segundo lugar-comum entre as narrativas. Sabemos que a mentalidade medieval é cercada por um imaginário repleto de mitos que tentavam responder aos anseios da época. Era na floresta que o sobrenatural e o maravilhoso, ganhavam forma. Reconheçamos, é claro, que o Medievo era essencialmente cristão e o medo do inferno e dos seres infernais governava a consciência do homem da época. Como afirma o medievalista Aron Gurevitch (1990, p. 130),

Para o medievo, o mundo era um espaço a ser temido, já que o sobrenatural, povoado por entes maléficos, estava escondido nas coisas cotidianas. À noite e a floresta, eram repletas de mistérios e motivos de temor por esconderem o desconhecido, oculto ou diabólico, no qual o corpo e a alma seriam postos à prova.

De certa maneira, pensamos, uma vez que a floresta era o *locus* principal do maravilhoso, porque afastado das cidades e das igrejas, havia a noção de mistério, de oculto e, por isso, diabólico. Jesus, na narrativa bíblica foi conduzido para longe das cidades, para o deserto. Lá encontrou o diabo. A floresta estava para o medieval como o deserto estava para as religiões judaica, islâmica e cristã. Espaço sem civilização e propício à provação e penitência, tal afirmação nos é dada por Jacques Le Goff (1985 p. 39-58). Sobre a floresta como lugar de penitência, Márcia Mongelli (1995, p. 30-31) fala

¹⁰De acordo com o bestiário latino produzido na Inglaterra nos séculos XII E XIV, a cabra chama mais atenção, haja vista que produz quatro possibilidades de arquétipos, embora as várias citações, nomenclatura e interpretações, distingam entre duas formas de cabra, são elas: a cabra doméstica, representada pelo bode, com um caráter negativo e a cabra selvagem, macho ou fêmea de conteúdo positivo. No que diz respeito ao bode, sua ligação simbólica e alegórica com o diabo no bestiário é tratada por sua ligação com o pecado da luxúria. Isidoro de Sevilha no livro *Etimologiarum* (XII, p. 13-14) refere-se ao bode como o animal que simboliza o prazer, consequência da luxúria, haja vista, que se entrega à perdição da carne sem arrependimentos (VARANDAS, 2006, p. 95-96).

sobre os diversos cavaleiros, com especial atenção para os da Távola Redonda que, a partir do caráter alegórico, compartilham da floresta como uma forma de purgação dos pecados, experimentando um encontro com o maravilhoso. A floresta é o local do encontro, que por muitas vezes representa a tentação, onde esses heróis voltam-se para a salvação da vida e buscam manter-se longe dos prazeres do mundo, pois só assim conseguirão ser cavaleiros dignos do Graal.

Era esse ambiente que alimentava a capacidade inesgotável do homem medieval de imaginar. E com o homem amazônico não é diferente. Eis o que Maria do Socorro Simões (2002, p. 3) diz sobre a importância da floresta para o povo amazônica

É o constituído de rio e de floresta que sintetizam para o homem amazônica uma realidade com dupla função: uma imediata, lógica, objetiva fonte de vida e subsistência e outra mediata, mítica, mágica, plena de encantos e encantamento, responsável por todos os seus sonhos e devaneios. A intersecção dos dois espaços resulta numa síntese complexa e ao mesmo tempo simbólica, em que residem os substratos mais legítimos da cultura amazônica. A paisagem composta e emoldurada por rios e florestas significa para o amazônica, portanto, não apenas o espaço de vida e trabalho num cotidiano repetitivo, mas também o elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e com o fantástico [...] A floresta, na tradição literária, tem sido eleita como índice do espaço sintetizador das aventuras, venturas e desventuras do homem, desde a sua concepção, independentemente das discussões que se possam levantar em torno dessa origem desde as aventuras da cavalaria medieval até as guerrilhas modernas, a floresta tem sido considerada o espaço/refúgio ideal de encantados, entidades mítico/místicas, amantes perseguidos como Tristão e Isolda, santuário natural da mitologia celta, guardadora do Santo Graal, além de se configurar como símbolo do amor eterno na mitologia indígena, paraíso edênico ou reino das trevas.

É na floresta que os homens encontram o desconhecido em forma de mulher. Não saber a sua origem e encontrá-la num local de mistério e provação é já flertar com o maravilhoso. Na narrativa oral, o cenário muda de figura. Não mais a floresta europeia, mas a amazônica e a aproximação com o mangue. A mulher, dizem, é a esposa do Ataíde.

Deste local de encantos, surgem as mulheres encantadas: a Melusina, a mulher do pé de cabra, a mulher do Ataíde. Este então é o terceiro lugar-comum. Cada uma delas tem o poder sobrenatural de alterar a ordem, quer o comportamento do marido (A mulher do pé de cabra não permite que o homem se benza), quer alterar a ordem econômica e da natureza (prosperidade, progresso e abundância (de peixes) nas histórias da Melusina e na da mulher do Ataíde, respectivamente). Na mulher do pé de cabra, é

claro, não há qualquer referência explícita sobre poderes sobrenaturais, a não ser a própria anatomia do seu corpo.

Sobre o imaginário popular e práticas ritualísticas, James Frazer (1981) em *La rama dorada* expõe que, em muitas culturas, as mulheres são responsáveis, mediante atos encantatórios, pela prosperidade na caça e na plantação, assim como exercem procedimentos mágicos que auxiliam os maridos na guerra e na fertilidade do casal. Algumas precisam recitar versos encantatórios, outras bailam reiteradamente, pois a dança garantiria o sucesso da empreitada na guerra. Algumas delas mimetizam ações de guerra contra seus filhos pela manhã, como uma forma de representar o que estaria acontecendo aos seus maridos. Não cumprir tais rituais era garantir a derrota de seus esposos na guerra. Em outros casos, crê-se que a mulher tem poder de prosperar a plantação. Tomemos estes exemplos de Frazer (1981, p. 35) para notarmos como a cultura popular, a partir de práticas ritualísticas mágicas, lidou com a ideia de relação direta entre mulher e encantamento

La idea de que una persona puede influir sobre una planta homeopáticamente por su acción o condición se desprende claramente de la observación hecha por una mujer malaya: habiéndole preguntado por qué se desnudó de cintura arriba cuando segaba el arroz, explicó que lo hacía para que el arroz tuviese la cascarilla más fina, pues estaba cansada de machacarlo con la cáscara gruesa. Es evidente que pensaba que cuanto menos ropa llevase ella, menos espesor tendría la cascarilla del arroz. La virtud mágica que posee una mujer grávida, de comunicar la fertilidad, es conocida por los campesinos de Austria y Baviera, que piensan que si se da el primer fruto de un árbol a una mujer encinta, ello atraerá una copiosa colección de frutos en aquel árbol el año venidero. Por otro lado, los baganda creen que una mujer estéril infectará el huerto de su marido con su propia esterilidad, e impedirá que los árboles tengan frutos; por esto suelen repudiar a las mujeres sin hijos. Los griegos y romanos sacrificaban víctimas embarazadas a la diosa del cereal y de la tierra, sin duda con la idea de que el suelo produjese y el grano engordase mucho en la espiga. Como un sacerdote católico reconviniere a los indios del Orinoco por permitir que las mujeres sembrasen en el campo bajo un sol abrasador y con sus criaturas al pecho, los hombres respondieron: "Padre, por no entender de estas cosas es por lo que se enoja usted. Usted sabe que las mujeres están acostumbradas a tener niños y los hombres no. Cuando las mujeres siembran, la caña de maíz lleva dos o tres mazorcas, la raíz de la yuca llena dos o tres cestas y todas las demás cosas aumentan en proporción. ¿Por qué es esto? Sencillamente, porque las mujeres saben producir y conocen lo que hay que hacer con la simiente cuando ellas la siembran para que se reproduzca también. Las dejamos sembrar, por consiguiente; los hombres no sabemos de esto lo que ellas saben".

É neste último pensamento “los hombres no sabemos de esto lo que ellas saben” que as histórias melusinianas se estabeleceram. À mulher caberia a prosperidade e progresso do reino ou lar.

Vimos como expôs Propp que há grandezas variáveis. Ainda que as mulheres tenham função encantatória, elas diferem anatomicamente e esteticamente. A dama do pé de cabra e a Melusina possuem características europeias, enquanto a mulher encantada amazônica é negra e forte o bastante para espancar o homem até a morte. A virilidade a distingue das aparentemente frágeis mulheres dos contos medievais. Entretanto, a Melusina perde a fragilidade aos sábados, metamorfoseando-se quer em dragão, quer em serpente, segundo as versões. A mulher do pé de cabra mostra ter competência alada. Sinais da magia que as estruturaram. Além da força excessiva da mulher encantada, da narrativa bragantina oral, o casamento com o Ataíde permite-lhe ascendência sobrenatural.

Ainda que haja aspectos semelhantes, há, todavia, outros aspectos conflitantes, sobretudo se aproximarmos os motivos entre as duas narrativas medievais e a bragantina. A garantia da alta linhagem é mais aparente nas narrativas medievais, pois na Europa, faz parte da tradição ter uma figura mítica árvore genealógica, isto é, de uma mulher encantada que lhes atribuiria caráter imortal e mágico. Colocar os reis entre os deuses é procedimento antigo.

Outro ponto possível de destaque é o teor risível presente na narrativa amazônica. Nas narrativas medievais, o mote é sério e necessário para legitimar o poder. A expansão na narrativa, marcada pelo episódio da mulher espancar o amante, é, a nosso ver, a forma da cultura popular julgar o transgressor. Ridicularizá-lo e depois conduzi-lo à morte é a sanção.

Desde a Idade Média, por exemplo, até o século XIX, a prática do Charivari (entre elas, a festa do asno) foi fortemente difundida na Europa. Tratava-se de uma punição ao indivíduo que desobedecesse as regras morais e sociais. Do mesmo modo, servia como punição judiciária. Por ilustração há a punição dada ao candidato ao trono de São Pedro, que por consequência de sua disputa com o atual pontífice Calixto, foi condenado pelo próprio povo a percorrer as ruas de Roma montado em um camelo segurando seu rabo. A festa do asno condenava entre muitas práticas, o marido excessivamente violento, adultério, mulheres grávidas que casavam com o véu branco, sendo a que mais nos interessa, é a punição semelhante à de Benedito da narrativa bragantina aqui trabalhada. Sobre isso, José Rivair Macedo (2005, p. 392-399) relata o seguinte caso:

Maridos excessivamente violentos ou excessivamente fracos – sobretudo aqueles surrados pela mulher¹. Nestes casos, havia o costume de fazer o indivíduo a ser execrado montar ao contrário num asno e expô-lo desta maneira diante de toda a comunidade. Era o que, na França, denominava-se « asouade » ou « asoada »², e, a Inglaterra, *riding the stangou skimmington ride*³.

O mito bragantino, entre outras utilidades, legitima histórias que permeiam o imaginário do homem amazônida, pois, assim como no período medieval o homem que apanhava da mulher era humilhado em público, do mesmo modo, o homem da região enfrentará a opinião pública mediante a sua falta de virilidade e força. Assim, narrativas como a da mulher do Ataíde poderiam ser uma boa justificativa para se livrar da simbologia do asno moderno, “a língua do povo”.

É na cultura popular que o riso se estabelece. Ele é burlador, contestador, diz-nos Bakhtin (1993, p. 19). Ele não quer desfazer a ordem estabelecida, mas apresentar outro mundo, menos sério e alternativo. Risível, é também o fato da mulher encantada ser casada com uma figura também cômica: o Ataíde.

No que tange à simbologia dessas narrativas, o que pode ser destacado é a representação do bem e do mal que essas mulheres carregam. O discurso misógino tão difundido na Idade Média, também se apresenta, de certa maneira, no conto bragantino. Falamos em relatividade, pois, há um tempo, a difundida ideia da mulher, como representação do pecado, responsável por toda a desgraça de um homem ocorre, afinal Benedito morte. Por outro lado, ele morreu porque desobedeceu a uma lei de uma entidade sobrenatural. Foi assim com Eva no paraíso. No entanto, um contraponto se nos afigura: a queda agora já não é causada por uma mulher, mas por um homem. É ele quem traz morte para si e pobreza para o reino.

Eva, Morgana, Isolda, Genebra, Melusina, a dama do pé de cabra: mulheres bastante conhecidas do imaginário medieval, representantes da ideia de que mulher, feitiçaria e forças obscuras, como vimos, estão intimamente ligadas. George Duby (2001, p. 39), em *A Eva e os padres*, fala sobre o discurso que condena a mulher a um caráter satânico. A mulher é considerada “portadora da morte” e do inferno na terra e aos homens cabe o papel de

identifica[r]-se com Adão a quem Eva estende a maçã. O que era o fruto proibido? O corpo dessa mulher, suave e delicado ao olhar, deleitável. Sabem o que é ser tentado e estão cheios de indulgência para com Adão. Sua tendência é de minorar a culpabilidade do homem e, assim, sua própria culpabilidade. Como resistir, cercados por tantas mulheres oferecidas? (DUBY, 2001, p 40).

Desse modo, a mulher era responsável não pelo seu pecado, mas de igual forma pela queda do homem, diante da sua natureza semeadora do mal. Mas também é o receptáculo da divindade, “receptáculo dócil” (RÉGNIER-BOHLER, 1990, p. 566). E não é o que se pode ver na bela e viril mulher do Ataíde.

Conclusão

Uma mulher e um segredo. É o que vimos se repetir nos três textos estudados neste artigo. Nas histórias da Melusina, da dama do pé de cabra e na da mulher encantada, podemos ver a força dos elementos iterativos, das funções, grandezas imutáveis, definidas por Propp que dizem respeito às ações das personagens. Segredo, quebra de segredo, carência e consequência da transgressão são funções iterativas em todas as três narrativas. Além disso, como vimos, há outros lugares-comuns: a floresta, o segredo, o encantamento que atribuem à narrativa caráter maravilhoso. A ambiguidade está presente: as personagens podem ser vistas como entidades boas ou más. Elas são, a um tempo, fortes e misteriosas.

Assim, alguns ecos medievais podem ser vistos na narrativa bragantina, mediante as semelhanças estruturais ou do lugar-comum, por exemplo, sobre a prosperidade trazida pela mulher encantada, que do mesmo modo fez de Melusina, símbolo da abundância e progresso europeus. A mulher do Ataíde carrega algo a mais: ela traz o risível à tona, enquanto as demais portam o drama da traição.

De toda forma, concluímos que, tanto nas similitudes como nas distinções, essas narrativas estão intimamente ligadas, ora pela estrutura, ora por seus significados, permeados de discurso misógino e de encantamento.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 2. ed. Tradução de Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 1993.
- DUBY, George, Eva e os padres: damas do século XII, São Paulo, Cia. das Letras, 2001. Edições 70, 1985.
- FRANCO, JR, Hilário. Idade Média. O nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- GUREVITCH, Aron. As categorias da cultura medieval. Lisboa. Caminho. 1990.
- LAUSBERG, Heinrich. Elementos de Retórica literária. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

- LE GOFF, Jacques. Heróis e maravilhas da Idade Média/ Jacques Le Goff, Tradução de Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- LE GOFF, Jacques. O imaginário medieval. Tradução de Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994.
- LE GOFF, Jacques. O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval. Trad. José António P. Ribeiro. Lisboa,
- MONGELLI, Lênia Márcia de M. Por Quem Peregrinam os Cavaleiros de Artur. Cotia, Íbis, 1995.
- PUGLIESI, Márcio. Mitologia greco-romana: arquétipos dos deuses e heróis. São Paulo: Madras, 2005.
- RÉGNIER-BOHLER, Danielle. Vozes literárias, vozes míticas. In: KLAPISCH-ZUBER, Christiane (Dir.). História das mulheres no Ocidente: a Idade Média. Tradução de Ana Losa Ramalho et al. Porto: Afrontamento, 1990. v. II. p. 517-591.
- MACEDO, José Rivair. Charivari e ritual judiciário: a cavalgada infamante na Europa Medieval. In: TELLES, Célia Marques; SOUZA, Risonete Batista (Orgs.). Anais do V Encontro Internacional de Estudos Medievais. Salvador: Quarteto, 2005, p. 392-399.
- SIMÕES, Maria do Socorro. Narrativas da Amazônia Paraense. In: *Revista GELNE*. Vol. 4. N° 2. 2002.

ABSTRACT: This article analyzes the commonplaces of structure in the medieval and Amazonian women narratives according to Vladimir Propp. We are going to analyze the *A dama do Pé de Cabra* and the *História de Melusina* medieval narratives and the Amazonian narrative *A mulher encantada*, collected by IFNOPAP project. To achieve the objectives of our proposal, we will use as the theoretical basis the author already mentioned, George Duby and Mikhail Bakhtin.

KEYWORDS: Woman; secret; representation; functions; Vladimir Propp.